

conclusão da série manual de assassinato
para boas garotas

boa
garota

nunca

mais

HOLLY JACKSON

inrínseca

boa
garota
nunca
mais

HOLLY JACKSON

Tradução de Karoline Melo

inrínseca

Copyright do texto © 2021 by Holly Jackson
Imagem de capa © 2021 by Christine Blackburne
Ilustração da página 126 © Priscilla Coleman
Copyright da tradução © 2023 by Editora Intrínseca Ltda.
Traduzido mediante acordo com HarperCollins Publishers Ltd.
Publicado originalmente em inglês por Farshore, um selo de HarperCollins Publishers
Ltd, The News Building, 1 London Bridge St, Londres, SE1 9GF.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

TÍTULO ORIGINAL
As Good as Dead

PREPARAÇÃO
Ilana Goldfeld

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Casey Moses

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15b

Jackson, Holly, 1992-
Boa garota nunca mais / Holly Jackson ; tradução Karoline Melo. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : Intrínseca, 2023.
496 p. (Manual de assassinato para boas garotas ; 3)

Tradução de: As good as dead
ISBN 978-65-5560-441-2

1. Ficção inglesa. I. Melo, Karoline. II. Título. III. Série.

22-81044

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

PARTE I



Olhos cadavéricos, foi isso o que disseram, não foi? Sem vida, vidrados, vazios. Olhos cadavéricos se tornaram companheiros constantes, seguindo-a, sempre por perto, bastava piscar. Eles se escondiam nos recônditos da sua mente e a escoltavam em seus sonhos. Os olhos cadavéricos *dele*, no exato momento em que perderam a vida. Ela os via em rápidos vislumbres, nas sombras mais profundas e às vezes no espelho também, em seu próprio rosto.

E Pip os via agora mesmo, atravessando-a. Olhos cadavéricos de um pombo morto estatelado na entrada de casa. Vidrados e sem vida, a não ser pelo movimento do reflexo da garota estampado neles, ao dobrar os joelhos e estender a mão. Não para tocá-lo, apenas para se aproximar o bastante.

— Está pronta para ir, picles? — perguntou o pai de Pip.

Ela se encolheu quando o homem fechou a porta da frente com uma batida forte, o barulho de um tiro escondido nos ecos. A outra companhia de Pip.

— Es-estou — disse ela, ajeitando a postura e o tom de voz.

Respire, apenas respire.

— Olha. — Ela apontou para o pássaro, sem necessidade. — Um pombo morto.

O pai se abaixou para dar uma olhada, sua pele negra se enrugando em torno dos olhos que se estreitaram, e o terno completo impecável se amarrotou na altura dos joelhos. E então sua expressão

mudou para uma que Pip conhecia muito bem. Ele estava prestes a dizer algo espertinho e ridículo, como...

— Churrasquinho de pombo para o jantar?

É, como era de se esperar. Nos últimos tempos, quase todas as frases que saíam de sua boca eram piadas, como se estivesse se esforçando muito mais para fazê-la sorrir. Pip cedeu, entrando na brincadeira.

— Só se vier acompanhado de purê de barata — replicou ela, finalmente deixando de lado o olhar vazio do pombo e apoiando a mochila cor de bronze num dos ombros.

— Rá! — Ele deu um tapinha nas costas dela, radiante. — Minha filha mórbida.

Houve outra mudança na expressão dele quando percebeu o que disse e todos os outros significados que rodeavam essas três simples palavras. Pip não conseguia escapar da morte, mesmo naquela manhã ensolarada no final de agosto, em um momento de descuido com o pai. Parecia que agora toda a sua vida se resumia a isso.

Seu pai se livrou do constrangimento, que era sempre algo passageiro para ele, e indicou o carro com a cabeça.

— Vamos, você não pode se atrasar para essa reunião.

— Certo — concordou ela, abrindo a porta do carona e se sentando, sem saber o que mais dizer, sua mente sendo deixada para trás, com o pombo, conforme o carro se afastava da casa.

Ela voltou para si quando eles entraram no estacionamento da estação de trem de Little Kilton. O lugar estava cheio, o sol refletindo nas fileiras de carros.

O pai de Pip suspirou.

— Ah, aquele arrombado do Porsche pegou minha vaga de novo.

Arrombado: mais uma expressão que Pip imediatamente se arrependeu de ter ensinado para ele.

As únicas vagas livres estavam na extremidade oposta, perto da cerca de arame e fora do alcance das câmeras. O antigo reduto

de Howie Bowers. Dinheiro em um bolso, saquinhos de papel no outro. E, antes que Pip pudesse se conter, o barulho do cinto de segurança se soltando se transformou nos sapatos de Stanley Forbes batendo no chão de concreto atrás dela. De repente era noite, e Howie não estava na prisão, mas bem ali, sob a luz alaranjada, as sombras recaindo sobre seus olhos. Stanley o encontra, trocando um punhado de dinheiro por sua vida, por seu segredo. E, quando ele se vira para Pip, os olhos estão cadavéricos e seis buracos se abrem no corpo dele, derramando sangue em sua camisa e no concreto, e, de alguma forma, nas mãos dela também. As mãos dela estão cobertas de sangue, e...

— Vamos, picles? — chamou seu pai, segurando a porta aberta para ela sair.

— Vamos — respondeu Pip, enxugando as mãos em sua calça mais elegante.

O trem para a estação Marylebone, em Londres, estava ainda mais lotado, passageiros de pé ombro a ombro, oferecendo sorrisos amarelos que substituíam os pedidos de desculpa quando esbarravam um no outro. Havia mãos demais na barra de metal, então Pip se apoiou no braço dobrado de seu pai para se estabilizar. Quem dera tivesse funcionado.

Ela viu Charlie Green duas vezes no trem. A primeira foi ao reparar na parte de trás da cabeça de um homem, antes de ele mudar de posição para ler o jornal de forma mais confortável. Na segunda, Charlie era um homem que esperava na plataforma, segurando uma arma. Mas, quando ele entrou no vagão, seu rosto ficou diferente, perdeu toda a semelhança com Charlie Green, e a arma era apenas um guarda-chuva.

Quatro meses haviam passado, e a polícia ainda não o encontrara. Sua esposa, Flora, se entregara na delegacia de Hastings oito semanas atrás. No meio da fuga, eles acabaram se perdendo um do outro. Ela não sabia o paradeiro do marido, mas os boatos que circulavam

na internet diziam que o homem tinha dado um jeito de chegar à França. Ainda assim, Pip procurava por ele, não porque queria que ele fosse pego, mas porque precisava que o encontrassem. E essa diferença era crítica, a razão pela qual as coisas nunca poderiam voltar ao normal.

O pai de Pip chamou sua atenção.

— Está nervosa com a reunião? — perguntou ele acima dos guinchos das rodas do trem, a velocidade diminuindo ao se aproximarem de Marylebone. — Vai dar tudo certo. Só escute o Roger, está bem? Ele é um ótimo advogado, sabe do que está falando.

Roger Turner trabalhava no escritório de seu pai e era *o melhor* em casos de difamação, pelo visto. Eles o encontraram alguns minutos depois, esperando do lado de fora do antigo centro de conferências de tijolinhos vermelhos, onde a sala de reunião foi reservada.

— Olá de novo, Pip — cumprimentou Roger, estendendo a mão para ela.

Pip se apressou em verificar se havia sangue na própria mão antes de apertar a dele.

— Teve um bom fim de semana, Victor?

— Tive, Roger, obrigado. E trouxe as sobras para o almoço de hoje, então vai ser uma ótima segunda-feira também.

— Acho que é melhor irmos andando, então, se você estiver pronta — disse Roger para Pip, checando as horas em seu relógio, a outra mão segurando uma pasta reluzente.

Pip assentiu. Sentia as mãos úmidas de novo, mas era de suor. Apenas suor.

— Você vai ficar bem, querida — garantiu o pai para ela, endireitando o colarinho de Pip.

— É verdade, eu já fiz milhares de mediações. — Roger abriu um sorriso largo, afastando o cabelo grisalho do rosto. — Não precisa se preocupar.

— Me liga quando terminar. — O pai de Pip se inclinou para beijar o topo da cabeça dela. — Nos vemos em casa mais tarde. Roger, até daqui a pouco no trabalho.

— Isso, até mais, Victor. Pode entrar, Pip.

Eles usariam a sala de reuniões 4E, no último andar. Pip pediu para subirem de escada, porque, se seu coração estivesse batendo mais rápido por esse motivo, não seria por nenhum outro. Era assim que ela encontrava justificativas para si mesma, e era por isso que ela tinha começado a correr sempre que sentia o peito apertar. Corria até que houvesse um tipo diferente de dor.

Eles alcançaram o último andar, o velho Roger ofegante a vários passos atrás dela. Um homem vestido de forma sofisticada se encontrava no corredor do lado de fora da 4E e sorriu ao vê-los.

— Ah, você deve ser Pippa Fitz-Amobi — disse ele.

Outra mão estendida, outra olhada na própria mão para ver se havia sangue.

— E você, o advogado dela, Roger Turner. Meu nome é Hassan Bashir, e hoje serei seu mediador independente.

Ele sorriu, empurrando os óculos mais para cima do nariz fino. Parecia gentil, tão ansioso que estava quase dando pulinhos. Pip odiou a ideia de estragar o dia dele, o que ela sem dúvida faria.

— Prazer — cumprimentou ela, pigarreando.

— Igualmente. — Ele bateu as mãos, assustando Pip. — Então, os outros já estão na sala de reuniões, todos prontos. A menos que você tenha alguma dúvida de antemão — ele olhou para Roger —, acho que podemos começar.

— Certo. Tudo ótimo — respondeu o advogado.

Roger deu um passo para o lado, colocando-se na frente de Pip, para assumir o comando enquanto Hassan recuava para segurar a porta da 4E aberta. Estava silencioso lá dentro. Roger entrou, acenando com a cabeça em agradecimento a Hassan. E então foi a vez

de Pip. Ela respirou fundo, arqueando os ombros, e soltou o ar pelos dentes cerrados.

Estava pronta.

Entrou na sala, e o rosto dele foi a primeira coisa que viu. Sentado do lado oposto da mesa comprida, com as maçãs do rosto angulosas, o cabelo loiro bagunçado e penteado para trás. Ele se virou, e seu olhar tinha algo de sombrio e arrogante quando encontrou o de Pip.

Max Hastings.



Os pés de Pip congelaram, mas não foi ela que os obrigou a parar. Foi algo instintivo, um conhecimento tácito: mais um passo que fosse a colocaria perto demais *dele*.

— Aqui, Pip — ofereceu Roger, puxando a cadeira bem em frente a Max, indicando a ela que se sentasse.

Ao lado de Max e em frente a Roger, encontrava-se Christopher Epps, o mesmo advogado que havia representado Max em seu julgamento. Pip havia ficado cara a cara com esse homem no banco de testemunhas, e ela estava usando exatamente o mesmo terninho de quando ele a torturou com aquela voz cortante. Ela o odiava também, mas o sentimento estava subordinado ao ódio que ela tinha da pessoa sentada à sua frente. Apenas uma mesa entre eles.

— Certo. Olá, pessoal — disse Hassan, animado, sentando-se em sua respectiva cadeira na ponta da mesa, entre os dois grupos. — Vamos agilizar as introduções. Meu papel como mediador significa que estou aqui para fazer vocês chegarem a um acordo que seja aceitável para ambas as partes. Meu único propósito é deixar todos felizes, está bem?

Era evidente que Hassan não havia notado o clima pesado na sala.

— O propósito da mediação é, em essência, evitar litígios. Um processo judicial é muito complicado e custa caro para todos os envolvidos, então é sempre melhor ver se conseguimos chegar a um acordo antes mesmo de uma ação judicial ser aberta.

Ele abriu um grande sorriso, primeiro para o lado de Pip, depois para o de Max. Um sorriso compartilhado e igualitário.

— Se não conseguirmos chegar a um acordo, o sr. Hastings e seu advogado pretendem abrir um processo de difamação contra a srta. Fitz-Amobi por um tweet e uma postagem em seu blog no dia 3 de maio deste ano, que eles alegam conter uma declaração difamatória e um arquivo de áudio. — Hassan consultou suas anotações. — O sr. Epps, em nome do requerente, sr. Hastings, diz que a declaração difamatória teve um efeito muito grave em seu cliente, tanto na questão da saúde mental quanto nos danos irreparáveis à sua reputação. Isso, por sua vez, levou a dificuldades financeiras, pelas quais ele está pedindo indenização.

As mãos de Pip se fecharam em seu colo, os nós dos dedos se projetando como uma espinha dorsal pré-histórica. Ela não sabia se conseguiria permanecer sentada ouvindo tudo aquilo, não sabia mesmo. Mas respirou e tentou por seu pai, por Roger e pelo pobre Hassan ali.

Na mesa, diante de Max, estava a detestável garrafa de água dele, é claro. Feita de um plástico azul-escuro, com um bico de borracha no topo. Não era a primeira vez que Pip o via com ela. Acontece que, em uma cidade pequena como Little Kilton, as rotas de corrida tendiam a convergir e se cruzar. Pip havia começado a ficar à espera da visão de Max correndo enquanto ela fazia o mesmo, quase como se ele estivesse insistindo naquilo de propósito. E sempre com a droga da garrafa azul.

Max a viu encarando a garrafa. Ele estendeu a mão para pegá-la, apertou o botão para liberar o bico com um estalo e tomou um longo e barulhento gole, bochechando antes de engolir. Os olhos dele permaneceram em Pip o tempo todo.

Hassan afrouxou um pouco a gravata.

— Então, sr. Epps, se quiser, pode fazer sua declaração inicial.

— Certamente — disse Epps, mexendo nos papéis, a voz tão ríspida quanto Pip se lembrava. — Meu cliente enfrentou intenso sofrimento desde que a srta. Fitz-Amobi soltou uma declaração caluniosa

na noite do dia 3 de maio, em especial porque a srta. Fitz-Amobi tem uma presença on-line significativa, totalizando mais de trezentos mil seguidores naquele momento. Meu cliente tem uma educação de alto nível de uma universidade respeitável, o que significa que ele deveria ser um candidato muito cobiçado em processos seletivos de emprego para diplomados.

Max bebeu de sua garrafa outra vez, como se para enfatizar o que estava sendo dito.

— Todavia, nos últimos meses, o sr. Hastings tem tido dificuldade em encontrar um emprego no nível que merece. Isso se deve de maneira direta ao prejuízo à sua reputação que a declaração caluniosa da srta. Fitz-Amobi causou. Por consequência, meu cliente ainda precisa morar na casa dos pais, porque não consegue encontrar um trabalho apropriado e, portanto, não possui condições de pagar um aluguel para morar em Londres.

Ah, coitadinho do estuprador em série, pensou Pip, transmitindo a mensagem com os olhos.

— Mas os danos não recaem apenas sobre o meu cliente — continuou Epps. — Seus pais, o sr. e a sra. Hastings, também sofreram com o estresse e até tiveram que sair do país recentemente para ficar na segunda residência deles, em Florença, por alguns meses. A casa deles foi vandalizada na mesma noite em que a srta. Fitz-Amobi publicou a declaração difamatória. Alguém pichou, na frente da propriedade deles, as palavras *Estuprador; vou acabar com você...*

— Sr. Epps — interrompeu-o Roger. — Espero que não esteja sugerindo que minha cliente teve qualquer conexão com o ato de vandalismo. A polícia nunca sequer a contatou para averiguar o ocorrido.

— Claro que não, sr. Turner — retrucou Epps. — Estou mencionando isso porque podemos supor uma ligação de causalidade entre a declaração caluniosa da srta. Fitz-Amobi e o ato de vandalismo, visto que ele ocorreu poucas horas depois da declaração. Por conseguinte, a família Hastings não se sentiu segura na própria

casa e teve que instalar câmeras de segurança voltadas para a rua. Espero que isso explique, em parte, não apenas as dificuldades financeiras que o sr. Hastings tem sofrido, mas também a extrema dor e sofrimento dele e de sua família após a declaração maliciosa e difamatória da srta. Fitz-Amobi.

— Maliciosa? — questionou Pip, o calor subindo por suas bochechas. — Eu chamei ele de estuprador, e ele é um estuprador, então...

— Sr. Turner — vociferou Epps, a voz aumentando. — Sugiro que aconselhe sua cliente a ficar quieta e a se lembrar de que qualquer declaração difamatória que ela fizer agora pode ser classificada como calúnia.

Hassan ergueu as mãos.

— Claro, claro, vamos todos parar por um momento. Srta. Fitz-Amobi, seu lado terá a oportunidade de falar mais tarde.

Ele afrouxou a gravata de novo.

— Está tudo bem, Pip, deixa que eu cuidou disso — disse Roger para ela, baixinho.

— Vale lembrar à srta. Fitz-Amobi — retomou Epps, nem mesmo olhando para ela, sua visão focada em Roger — que quatro meses atrás meu cliente foi julgado no Tribunal da Coroa e declarado *inocente* de todas as acusações. Essa é toda a prova de que você precisa de que a declaração feita em 3 de maio foi, de fato, difamatória.

— Dito isso — interveio Roger, folheando os próprios papéis —, uma declaração só pode ser considerada caluniosa se for apresentada como um fato. O tweet da minha cliente foi o seguinte: “Última atualização do julgamento de Max Hastings. Não me importa a decisão do júri: ele é culpado.” — Roger pigarreou. — Então, a expressão *não me importa* claramente coloca a declaração como subjetiva, uma opinião, não um fato...

— Ah, não me venha com essa — interrompeu Epps. — Você está tentando relacionar a afirmação dela ao direito de liberdade de opinião? Jura? Convenhamos. É evidente que a declaração foi dita como

um fato, e o arquivo de áudio foi apresentado como se fosse mesmo real.

— É real — disse Pip. — Quer ouvir?

— Pip, por favor...

— Sr. Turner...

— É perceptível que foi manipulado — falou Max pela primeira vez, com uma calma enlouquecedora, cruzando as mãos, os olhos focados apenas no mediador. — Eu nem falo daquele jeito.

— De que jeito? Como um estuprador? — vociferou Pip.

— SR. TURNER...

— Pip...

— Está bem, pessoal! — Hassan se levantou. — Vamos acalmar os ânimos. Todos teremos oportunidade de falar. Lembrem-se: estamos aqui para garantir que todos fiquem felizes com o acordo. Sr. Epps, o senhor poderia nos explicar como o seu cliente gostaria que os danos fossem reparados?

Epps fez uma pequena mesura com a cabeça, tirando uma folha do fundo da pilha.

— Por danos especiais, considerando que meu cliente deveria estar empregado nos últimos quatro meses, com um salário mensal do nível que esperaríamos para sua formação. Isso daria pelo menos três mil libras esterlinas. A perda financeira, portanto, seria de doze mil libras.

Max bebeu da garrafa de água de novo, o líquido descendo por sua garganta. Pip teria adorado esmagar a droga da garrafa na cara dele. Se houvesse sangue em suas mãos, deveria ser o dele.

— É claro que nenhum valor monetário pode ser atribuído à dor e à angústia mental sofrida pelo meu cliente e por sua família. Mas achamos que uma soma de oito mil libras poderia ser adequada, totalizando vinte mil libras esterlinas.

— Ridículo — disse Roger, balançando a cabeça. — Minha cliente só tem dezoito anos.

— Sr. Turner, o senhor deveria me deixar terminar — escarneceu Epps, lambendo o dedo para virar a página. — Contudo, discutindo com meu cliente, na opinião dele, o sofrimento contínuo foi causado pelo fato de que a declaração caluniosa não foi retratada e nenhum pedido de desculpas foi emitido, o que seria realmente de maior valor para ele que qualquer reparação de danos da ordem monetária.

— A srta. Fitz-Amobi deletou a postagem semanas atrás, quando sua carta inicial de solicitação foi enviada — argumentou Roger.

— Sr. Turner, por favor — replicou Epps.

Se Pip tivesse que escutá-lo dizer *por favor* mais uma vez, era bem possível que esmagasse o rosto dele também.

— Deletar o tweet depois de tudo não mitiga o dano causado à reputação dele. Então, nossa proposta é a seguinte: a srta. Fitz-Amobi divulga uma declaração na mesma conta pública, na qual retrata sua declaração difamatória original admitindo o delito e se desculpa por qualquer mal que suas palavras tenham causado ao meu cliente. Além disso, e trata-se de um ponto crítico, então prestem muita atenção: no comunicado, ela deve admitir que adulterou o áudio em questão e que meu cliente nunca disse aquelas palavras.

— Vai se foder.

— Pip...

— Srta. Fitz-Amobi — implorou Hassan, lutando contra a gravata como se ela estivesse se apertando em volta de seu pescoço, correndo atrás do próprio rabo.

— Vou ignorar a explosão da sua cliente, sr. Turner — disse Epps. — Se essas exigências forem atendidas, aplicaremos um desconto, vamos dizer assim, à questão monetária, reduzindo-a pela metade: dez mil libras.

— Está bem, é um bom ponto de partida. — Hassan assentiu, tentando retomar o controle. — Sr. Turner, o senhor gostaria de responder à proposta?

— Obrigado, sr. Bashir — disse Roger, tomando a palavra. — A proposta ainda está muito alta. O senhor faz grandiosas suposições sobre o potencial que seu cliente teria de ser contratado. Não o vejo como um candidato particularmente espetacular, ainda mais no mercado de trabalho atual. Minha cliente só tem dezoito anos. A única renda dela vem da receita de anúncios de seu podcast de *true crime*, e ela começa a universidade em algumas semanas, o que acarretará uma grande dívida estudantil. Tendo isso em mente, o pedido não é razoável.

— Certo, sete mil — propôs Epps, estreitando os olhos.

— Cinco mil — rebateu Roger.

Epps lançou um olhar rápido para Max, que lhe deu um leve aceno de cabeça, curvando-se de lado na cadeira.

— Podemos concordar com isso — disse Epps —, em conjunto com a retratação e o pedido de desculpas.

— Bom, parece que estamos chegando a algum lugar. — Um sorriso cauteloso voltou ao rosto de Hassan. — Sr. Turner, srta. Fitz-Amobi, podemos ouvir suas opiniões a respeito desses termos?

— Bem — Roger começou a dizer —, acredito que...

— Nada feito — interveio Pip, afastando a cadeira da mesa com um empurrão, as pernas do móvel guinchando ao serem arrastadas pelo chão polido.

— Pip. — Roger virou-se para ela antes que a garota pudesse se levantar. — Por que não discutimos isso em outro lugar e...?

— Não vou retratar minha declaração e não vou mentir e dizer que o arquivo de áudio foi adulterado. Eu o chamei de estuprador porque ele é um estuprador. Eu prefiro morrer a pedir desculpas para você.

Ela mostrou os dentes para Max, a raiva envolvendo seu corpo, cobrindo sua pele.

— SR. TURNER! Controle sua cliente, por favor! — Epps bateu na mesa.

Hassan se agitou, sem saber o que fazer.

Pip se pôs de pé.

— Tem um problema em você me processar, Max. — Ela cuspiu o nome dele, incapaz de suportá-lo na língua. — Eu tenho a melhor defesa: a verdade. Então, vai em frente, pode entrar com o processo. Vejo você no tribunal. E você sabe como funciona, não é? Vai ter que provar se a minha declaração é verdadeira ou falsa, o que significa que poderemos revisar o seu julgamento de estupro. Todas as mesmas testemunhas, os depoimentos das vítimas, as evidências. Não haverá acusações criminais, mas pelo menos todos saberão o que você é, para sempre. Estuprador.

— Srta. Fitz-Amobi!

— Pip...

Ela apoiou as mãos na mesa e se inclinou para a frente, os olhos ardentes, perfurando os de Max. Quem dera seu olhar pudesse lançar chamas nos dele, queimar o rosto dele enquanto ela assistia à cena.

— Você realmente acha que pode se safar uma segunda vez? Convencer mais um júri de doze pessoas de que você não é um monstro?

O olhar dele atravessou o dela.

— Você enlouqueceu — zombou Max.

— Talvez. Se for o caso, você deveria estar apavorado.

— Certo! — Hassan se levantou e bateu palma. — Talvez nós devêssemos fazer uma pausa para tomar um chá e comer uns biscoitos.

— Por mim, já deu — anunciou Pip, com a mochila nas costas, e abriu a porta com tanta força que o estrondo ricocheteou na parede.

— Srta. Fitz-Amobi, por favor, volte. — A voz desesperada de Hassan a seguiu pelo corredor.

Passos também. Pip se virou. Era só Roger, guardando, desajeitado, os papéis na pasta.

— Pip — disse ele, sem fôlego. — Eu realmente acho que nós deveríamos...

— Não vou negociar com ele.

— Espera aí! — O grito de Epps encheu o corredor, como se ele estivesse correndo para se juntar aos dois. — Me dê só um minuto, por favor — disse ele, ajeitando o cabelo grisalho. — Vamos esperar um mês ou coisa assim antes de entrar com a ação, está bem? Evitar um processo judicial realmente seria melhor para todos. Então, pense bem sobre isso por algumas semanas, quando os sentimentos não estiverem tão à flor da pele.

Epps a encarou.

— Não preciso pensar sobre nada — respondeu Pip.

— Por favor, só... — insistiu ele.

Epps levou uma das mãos ao bolso do terno, tirando dois cartões de visita cor de marfim.

— Meu cartão — disse ele, oferecendo um para ela e outro para Roger. — Meu número de celular está aí também. Pense um pouco e, se mudar de ideia, pode me ligar a qualquer hora.

— Eu não vou — declarou ela, pegando o cartão com relutância, enfiando-o no bolso vazio do terninho.

Christopher Epps a estudou por um instante, as sobrancelhas contraídas com o que parecia preocupação. Pip sustentou o olhar dele. Olhar em outra direção seria o mesmo que deixá-lo vencer.

— E talvez só um conselho — acrescentou Epps. — Aceite-o se quiser, mas é que já vi pessoas se perdendo em uma espiral autodestrutiva. Caramba, eu já representei várias delas. No final, você só vai acabar machucando todos ao seu redor e a si mesma. Você não vai conseguir evitar isso. Sugiro que desista antes de perder tudo.

— Obrigada pelo conselho imparcial, sr. Epps — retrucou Pip. — Mas parece que o senhor me subestima. Eu estaria disposta a perder tudo, a me destruir, se isso também significasse destruir o seu cliente. Parece uma troca justa. Tenha um bom dia, sr. Epps.

Ela lançou um sorriso doce e ácido enquanto lhe dava as costas. Pip acelerou o passo, seus sapatos batendo quase no mesmo ritmo de seu coração turbulento. E ali, logo abaixo de seu batimento cardíaco, sob camadas de músculos e tendões, estava o som de uma arma disparando seis vezes.

Pip está prestes a ir para a faculdade, mas ainda é assombrada pelo desfecho de sua investigação mais recente. Devido à fama de detetive amadora, ela se acostumou a receber ameaças na internet. Mas, nos últimos tempos, uma pergunta não para de surgir: *Quem vai investigar quando você desaparecer?*

Após uma série de eventos estranhos, Pip percebe que está sendo perseguida de verdade. E pior: seu stalker pode estar conectado a um assassino que aterrorizou a região na mesma época do caso de Andie Bell. Com a ajuda de Ravi, a garota precisa descobrir quem está por trás disso... antes que se torne a próxima vítima.

Envolta em uma teia de segredos e perigos, Pip toma atitudes drásticas. Tudo em Little Kilton parece estar interligado e apontar para um único suspeito. É a investigação mais importante de sua vida, e também a última. Aconteça o que acontecer, seus dias de boa garota vão chegar ao fim.

Prepare-se para questionar tudo o que achava que sabia com o desfecho chocante da jornada de Pip. Na aguardada conclusão da série *Manual de assassinato para boas garotas*, Holly Jackson entrega mais uma trama envolvente, assustadora e inesquecível.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1233/>